Dia 26 — São Cleto e São Marcelino, Papas e Mártires

São Cleto foi romano; e, havendo-o convertido à fé o apóstolo São Pedro, fez-se discípulo seu e na escola de tal mestre aproveitou tanto em pouco tempo que foi exemplo e modelo de todo o clero de Roma, assim por seu zelo como por seu fervor e admirável devoção.

Com sua afabilidade conquistava os corações até dos mesmos pagãos; e o grande amor que professava a Jesus Cristo dava a entender que havia herdado de seu mestre aquela singular ternura ao Salvador. Fazia São Pedro tanto apreço de São Cleto que se crê com razão havê-lo escolhido juntamente com São Lino, não só para trabalhar sob sua direção em Roma e seus arredores, como os demais operários evangélicos que empregava na vinha do Senhor, mas também para governar em sua ausência aquela primeira igreja do mundo.

Havendo terminado São Pedro, no ano 67 do Senhor, sua gloriosa carreira por meio do martírio, sucedeu-lhe imediatamente São Lino, e a São Lino sucedeu São Cleto. Bem era mister um pontífice tão grande naqueles dificultosos tempos de uma Igreja recém-nascida, nos quais era universal a perseguição e os fiéis estavam necessitados de quem os socorresse e os alentasse. Tudo acharam na imensa caridade de nosso santo. Não houve província em toda a extensão do império romano, não houve canto tão escondido onde as necessidades dos cristãos não sentissem os efeitos de sua caridade e de seu zelo. A uns socorria com esmolas, a outros alentava com suas cartas e a todos dirigia e consolava com suas paternais instruções. Ainda que o rebanho era muito numeroso, a tudo provia o vigilante pastor. Ordenou em Roma vinte e cinco presbíteros e não omitiu meio algum de quantos podiam contribuir ao bem, aumento e propagação da Igreja.

Havia doze anos que a governava com toda aquela vigilância, prudência e acerto que se podia esperar de um dos mais amados discípulos do príncipe dos apóstolos quando Domiciano, tirano o mais encarniçado inimigo dos cristãos que até agora se tem conhecido, excitou contra eles uma das mais horríveis perseguições que padeceram jamais. São indizíveis as crueldades que exerceu contra os servos de Cristo, cujo nome estava resolvido a exterminar. A tempestade estalou a um mesmo tempo em todas as partes: num só dia contaram-se muitos milhares de mártires; e em todos os ângulos do mundo corriam arroios de sangue daqueles heróis cristãos.

Mas fazia pouco caso o tirano da exterminação do rebanho enquanto ficasse com vida o pastor; e assim converteu contra ele toda a sua raiva. Mandou que fosse buscado o pontífice romano, o qual não cessava de correr dia e noite pela cidade e pela campanha, arrastado, digamo-lo assim, por grutas e por cavernas, para assistir e consolar os fiéis. Foi preso São Cleto e metido num cárcere carregado de cadeias. A alegria que mostrou, com admiração de todos, acreditava o desejo que tinha de derramar seu sangue por Cristo; mas a impaciência com que estava o tirano por vê-lo

acabar a vida lhe poupou muitos tormentos. Foi, pois, martirizado em Roma no dia 26 de abril do ano de 95. Conserva-se seu corpo na igreja de São Pedro do Vaticano, e mostram-se algumas de suas santas relíquias na de São Paulo da Praça Colonna.

Honra-o como a seu patrono e titular a cidade de Ruvo, na antiga Calábria, crendo-se nela, por antiga tradição, que, havendo ido lá São Cleto, vivendo ainda São Pedro ou pouco depois de sua morte, seguindo suas correrias apostólicas, converteu à fé a maior parte de seus vizinhos e foi seu primeiro bispo, ou ao menos seu apóstolo, antes de ascender ao sumo pontificado.

São Marcelino, Papa e Mártir

Celebra neste mesmo dia a Igreja a festa de São Marcelino, cuja vida e santa morte têm sido sempre para os fiéis não menos de grande instrução que poderoso motivo de confiança na misericórdia do Senhor.

Foi São Marcelino de Roma, filho de um homem que se chamava Projeto. Suas belas prendas e virtude deixam-se conhecer pelo muito que se distinguia no clero e pela geral estima que merecia em toda a cidade. Havia prestado importantes serviços à Igreja no pontificado de São Caio. Era sábio na ciência dos santos, infatigável no trabalho e estava bem instruído das necessidades da Igreja; pelo que, depois da morte de São Caio, foi escolhido para governá-la naqueles borrascosos tempos do império de Diocleciano e Maximiano, inimigos inexoráveis do nome cristão, que haviam jurado perder a Igreja do Senhor. Ascendeu São Marcelino à cadeira apostólica no ano de 296. Assegura Teodoreto que soube adquirir grande glória em tempos tão calamitosos. Serviu-lhe muito sua prudência e sua virtude em meio de um povo a quem o nome só de cristão irritava e enfurecia, e seu zelo se deixou conhecer de todos os fiéis. Por volta do ano 303 declarou-se a guerra contra a Igreja, mandando Diocleciano por novos decretos que se empregasse todo gênero de tormentos para exterminar de uma vez os cristãos. Foi tão horrível a perseguição que em menos de um mês se contaram quinze mil mártires. Não perdoou ao pontífice de Roma; lançaram mão de Marcelino e, havendo-o levado ao cárcere, fizeram-no padecer tudo quanto pode inventar um povo furioso para cansar a mais sofrida paciência.

Usaram de todas as ameaças que pôde discorrer a mais bárbara desumanidade para intimidar um pobre velho; levaram-no arrastando ao templo de Júpiter e, ameaçando-o de que o fariam sofrer de uma vez todos os suplícios se não sacrificava aos deuses, obrigaram-no a oferecer incenso aos ídolos. Esquecido então Marcelino de quem era, vencido do temor dos tormentos e não dando ouvidos senão a sua própria fraqueza, caiu na miséria de oferecer incenso aos deuses falsos, afligindo e contristando a Igreja com tão funesta queda.

Na verdade, esta foi seguida de um pronto arrependimento. Apenas se viu em liberdade, quando, penetrado da mais viva dor, entregou-se todo às lágrimas e aos suspiros. Horrorizado com a gravidade de sua culpa e não querendo perder um instante para reparar o escândalo, escreveu logo a todos os bispos que podiam juntar-se prontamente e os convocou para Sinuessa, cidade da Itália, na Campânia ou Terra de Lavoro.

Havendo concorrido a ela muitos bispos, deixou-se ver o papa Marcelino em meio do concílio em traje de penitente e, desfazendo-se em lágrimas, pediu aos padres que lhe alcançassem do Senhor o perdão de seu enorme pecado e lhe impusessem por ele a penitência que quisessem. Aturdidos os padres ao ver em estado e traje tão humilde a cabeça visível da Igreja, responderam-lhe todos a uma voz: «A primeira cadeira do mundo não reconhece tribunal superior. Pois imitastes Pedro pecador, imitai Pedro penitente; sede sua cópia, assim como sois seu sucessor. Por sua contrição e por suas lágrimas obteve ele a remissão de seus pecados; pelas vossas deveis vós esperar da bondade infinita de Deus a remissão dos vossos. Nenhum de nós terá ousadia para julgar-vos; sede vós mesmo vosso juiz: a vós toca reparar o escândalo que haveis dado.»

Não tardou muito em fazê-lo. No mesmo dia se apresentou diante do juiz e lhe disse com valor que, se por haver contado demasiadamente com suas próprias forças tivera a desdita de ceder ao medo dos tormentos, esperava agora na graça de Jesus Cristo, único e só Deus verdadeiro, que repararia sua fraqueza, padecendo pela fé que confessava os mais horríveis suplícios. Apresentaram-no logo a Diocleciano e, vendo-se Marcelino em sua presença, disse-lhe: «Confesso, Senhor, que tive a desgraça de deixar-me intimidar de vossas ameaças e de oferecer incenso aos ídolos; mas aqui estou para reparar minha culpa. Em vossas mãos me tendes; quanto mais me fizerdes padecer, mais contentareis a ânsia que tenho de fazer penitência. Bem podeis atemorizar os cristãos, e bem podem apostatar alguns tão fracos e tão miseráveis como eu; mas nem nossa miséria nem vossos tormentos poderão derribar a Igreja. Cristo, meu divino Salvador, único e só Deus verdadeiro, a cimentou sobre um fundamento imóvel e eterno.»

Irritou-se tanto o tirano ao ouvir aquela tão generosa confissão de nosso santo que mandou que lhe cortassem ao ponto a cabeça; o que se executou sem dilação. Desta maneira reparou este ilustre mártir e santo papa com o derramamento de seu sangue sua triste queda e o escândalo que havia dado.

Não ignoro que alguns autores modernos quiseram pôr em dúvida este fato; mas, havendo pesado bem suas razões, pareceu-me mais acertado aderir ao testemunho dos autores que floresceram há mais de mil e duzentos anos e à autoridade de umas atas tão antigas, que à crítica pouco segura dos que escreveram de ontem para cá [^1].

Mais de um mês esteve na praça onde se executou a sentença o corpo de nosso santo, com os de São Cláudio, Quirino e Antonino, por haver mandado o imperador que ninguém lhes desse sepultura; mas enfim o presbítero Marcelo os furtou de noite e os enterrou no cemitério de Priscila. Asseguram muitos que no ano de 849 o papa Leão IV presenteou o corpo de São Marcelino a Nominoë, duque da Bretanha, que havia tomado o título de rei, e que foi levado com grande pompa à abadia de São Salvador de Redon, na diocese de Vannes, cujo abade era São Conwoion, que fazia ofício de embaixador de Nominoë junto ao papa.

Martirológio Romano

Em Roma, a festa de São Cleto, papa, o segundo que governou a Igreja depois do apóstolo São Pedro: recebeu a coroa do martírio na perseguição de Domiciano.

Ali mesmo, São Marcelino, papa e mártir, que no tempo do imperador Maximiano foi decapitado pela fé de Jesus Cristo, em companhia de Cláudio, Quirino e Antonino; a perseguição que se suscitou então foi tão violenta que em menos de um mês obtiveram a palma do martírio dezessete mil cristãos.

Em Amaseia, no Ponto, São Basileu, bispo, que sofreu gloriosa morte no tempo do imperador Licínio: seu corpo foi lançado ao mar, mas um cristão chamado Elpidóforo o encontrou por revelação de um anjo e lhe deu honrosa sepultura.

Em Braga, em Portugal, São Pedro, mártir, primeiro bispo desta cidade.

Em Viena, São Clarêncio, bispo e confessor.

Em Verona, São Lucídio, bispo.

No mosteiro de Centula, São Ricário, presbítero e confessor.

Em Troyes, Santa Esperança, virgem.

Missa (oração)

A missa é em honra dos dois santos, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Beatorum martyrum, pariterque pontificum Cleti et Marcellini, nos quæsumus, Domine, festa tueantur, et eorum commendet oratio veneranda. Per Dominum nostrum...*

Português: Nós vos suplicamos, Senhor, que nos defendam as festas de vossos bem-aventurados mártires e pontífices Cleto e Marcelino, e que por sua veneranda intercessão sejam gratas a vós nossas orações. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 1 da primeira do apóstolo São Pedro.

1 Pedro 1,3-7

>

> **Latim:** [3] Benedictus Deus et Pater Domini nostri Jesu Christi, qui secundum misericordiam suam magnam regeneravit nos in spem vivam, per resurrectionem Jesu Christi ex mortuis, [4] in hæreditatem incorruptibilem, et incontaminatam, et immarcescibilem, conservatam in cælis in vobis, [5] qui in virtute Dei custodimini per fidem in salutem, paratam revelari in tempore novissimo. [6] In quo exsultabis, modicum nunc si oportet contristari in variis tentationibus : [7] ut probatio vestræ fidei multo pretiosior auro (quod per ignem probatur) inveniatur in laudem, et gloriam, et honorem in revelatione Jesu Christi :

Português: [3] Bendito seja o Deos e Pai de nosso Senhor Jesu Christo, que, segundo a grandeza de sua misericordia, nos regenerou para a esperança da vida, pela resurreição de Jesu Christo d'entre os mortos, [4] para huma herança incorruptivel, e que não póde contaminar-se, nem murchar-se, reservada nos ceos para vós-outros, [5] que sois guardados na virtude de Deos por fé para a salvação, que está apparelhada para se manifestar no ultimo tempo. [6] No qual vós exultareis, ainda que ao presente convem que sejais affligidos hum pouco de tempo com varias tentações: [7] para que a prova da vossa fé, muito mais preciosa que o ouro (o qual he acrisolado com o fogo) se ache digna de louvor, e gloria, e honra, quando Jesu Christo for manifestado:

Nota

«Havendo voltado a Roma de sua viagem ao Oriente, o apóstolo São Pedro, no ano 47 ou 48 de Cristo, escreveu esta epístola, que dirigiu principalmente aos judeus convertidos que estavam espalhados no Ponto, Bitínia, Galácia, Ásia e Capadócia. Tem-se por certo que o apóstolo se valeu de São Marcos, seu intérprete ou secretário, para escrevê-la em grego. Chama Babilônia a Roma, por muitas razões que já dissemos em outra parte.»

Reflexões

O Senhor, segundo sua grande misericórdia, nos regenerou na viva esperança daquela herança que não está sujeita a corromper-se, estragar-se nem murchar, a qual está reservada para vós no céu: Qui secundum misericordiam suam magnam regeneravit nos in spem vivam... in hæreditatem incorruptibilem, et incontaminatam, et immarcescibilem, conservatam in cœlis in vobis. Que herança é esta? E quem são os que a logram? Uma felicidade sem limites, sem medida; um bem imenso, eterno; uma alegria pura, cumulada, requintada; uma tranquilidade inalterável, uma fartura, uma saciedade de todos os desejos; um posto que é por excelência todas as dignidades, termo feliz de todas as honras: numa palavra, é a posse do mesmo Deus. E quem são os ditosos herdeiros destes bens? Nós; todos os cristãos. E é possível que possa algum outro objeto excitar nosso apetite, lisonjear nossa ambição, nem estimular nossos desejos! É possível que outro bem

algum possa mover, embelezar, satisfazer tanto a alma que a faça esquecer-se de sua herança até fazer-se digna de ser deserdada! Que maior loucura pode haver? E em que outro sentido pode entender-se aquela sentença do Sábio, de que é infinito o número dos néscios?

Espera-se no mundo alguma herança: a que coisas não se sujeita o que tem esta esperança! Que leis tão duras não se impõe! Contínuo e molestíssimo cortejo, absoluta condescendência com todos, submissões que humilham, sofrimentos, baixezas, lisonjas, dissabores, desgostos: tudo traga, nada lhe repugna. E isto por uma esperança pouco segura, muitas vezes mal fundada, e por uns bens sempre vazios, sempre caducos, sempre falsos! E uma esperança infalível no motivo que a anima; que tem por objeto um bem cheio, sólido, eterno, incapaz de corromper-se, apodrecer nem murchar; um bem que por si só vale por todos os demais bens e sem o qual todos os demais são um sonho, uma aparência, um nada: esta esperança a nada nos alenta! Nada fazemos por ela! Meu Deus, que pobreza de entendimento, que corrupção de coração, que fascinação ou que cegueira há mais lamentável que a nossa, se suspiramos por outro bem, se nos deixamos deslumbrar pela vã esperança de outra herança! Ah, Senhor, que verdade há mais palpável; mas quão poucos a conhecem! Leem-se estas reflexões sem fazê-las. Convêm todos sem dificuldade em que não há outros bens sólidos senão os eternos; em que tudo o transitório deve ser para nós muito indiferente; e, em meio disso, os bens presentes são os que unicamente nos atraem. Oh, e quanta verdade é que ninguém pode ser verdadeiramente cristão sem ser verdadeiramente homem de razão, e que, quando se debilita a fé, também se debilita o entendimento! O que se considera como peregrino ou como forasteiro neste mundo pouco caso faz de seus bens nem de seus males. As aflições desta vida avivam a ânsia dos bens da outra; pesa pouco a cruz a uma alma que está animada com uma viva esperança; antes salta de gozo ao ver-se afligida com diferentes provas por um pouco de tempo, sabendo bem que os trabalhos e adversidades deste mundo são como fianças e penhores da herança que nos está prometida. Neste sentido uma pessoa pobre, enferma, perseguida, desprezada, abandonada é uma rica herdeira. Não repara no que tem, mas no que terá. O herdeiro presuntivo de um reino goza de todas as honras, ainda que não goze das rendas nem da autoridade. Agora sou um pobre pastor, dizia em outro tempo Davi; mas depois serei rei. Tenhamos uma fé animada, uma esperança viva, uma virtude constante, e nos fará saltar de gozo o pensamento da eternidade.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 15 de São João, e é o mesmo do dia 22 [^2].

João 15,1-11

> **Latim:** [1] Ego sum vitis vera, et Pater meus agricola est. [2] Omnem palmitem in me non ferentem fructum, tollet eum, et omnem qui fert fructum, purgabit eum, ut fructum plus afferat. [3] Jam vos mundi estis propter sermonem quem locutus sum vobis. [4] Manete in me, et ego in vobis. Sicut palmes non potest ferre

> fructum a semetipso, nisi manserit in vite, sic nec vos, nisi in me manseritis. [5] Ego sum vitis, vos palmites : qui manet in me, et ego in eo, hic fert fructum multum, quia sine me nihil potestis facere. [6] Si quis in me non manserit, mittetur foras sicut palmes, et arescet, et colligent eum, et in ignem mittent, et ardet. [7] Si manseritis in me, et verba mea in vobis manserint, quodcumque volueritis petetis, et fiet vobis. [8] In hoc clarificatus est Pater meus, ut fructum plurimum afferatis, et efficiamini mei discipuli. [9] Sicut dilexit me Pater, et ego dilexi vos. Manete in dilectione mea. [10] Si præcepta mea servaveritis, manebitis in dilectione mea, sicut et ego Patris mei præcepta servavi, et maneo in ejus dilectione. [11] Hæc locutus sum vobis : ut gaudium meum in vobis sit, et gaudium vestrum impleatur.

Português: [1] EU sou a videira verdadeira: e meu Pai he o agricultor. [2] Todas as varas, que não derem fruto em mim, elle as tirará: e todas as que derem fruto, alimpallás-ha, para que o dem mais abundante. [3] Vós já estais puros em virtude da palavra, que eu vós disse. [4] Permanecei em mim: e eu permanecerei em vós. Como a vara da videira não póde de si mesmo dar fruto, senão permanecer na videira: assim nem vós o podereis dar, senão permanecerdes em mim. [5] Eu sou a videira, vós-outros as varas: o que permanece em mim, e o em que eu permaneço, esse dá muito fruto: porque vós sem mim não podeis fazer nada. [6] Se alguem não permanecer em mim: será lançado fora como avara, e seccará, e enfeixallo-hão, e lançallo hão no fogo, e allí arderá. [7] Se vós permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós: pedireis tudo o que quizerdes, e ser-vos-ha feito. [8] Nisto he glorificado meu Pai, em que vós deis muito fruto, e em que sejais meus discípulos. [9] Como meu Pai me amou, assim vos amei eu. Permanecci no meu amor. [10] Se guardardes os meus preceitos, permanecereis no meu amor, assim como tambem eu guardei os preceitos de meu Pai, e permaneço no seu amor. [11] Eu tenho-vos dito estas cousas: para que o meu gozo fique em vós, e para que o vosso gozo seja completo.

Meditação

Primeiro ponto

Considera que, depois desta vida tão curta, tão frágil, que a cada hora e a cada instante nos escapa; depois deste curtíssimo número de dias tão tristes e tão inquietos, há outra vida que há de durar para sempre, ditosa para os que se salvam, mas sumamente infeliz e desgraçada para as almas que se condenam. Ah! E de que número serei eu? Qual será meu destino? Se não sou eternamente feliz, serei eternamente infeliz; não há meio entre estes dois extremos. O sarmento que não está unido à videira só serve para o fogo; e ainda se a semelhança fosse em tudo perfeita! Se o condenado, que é lançado às chamas, se consumisse nelas! Mas o caso é que aquele fogo conserva os mesmos que abrasa.

É a eternidade um infeliz estado em que, por assim dizer, todas as diferenças de tempo concorrem e se reúnem num mesmo ponto para fazer mais infeliz a alma que se condena. Que surpresa, que desesperação para uma alma, acostumada no mundo a esta contínua sucessão de tempos e de estações, de dias, de meses e de anos, divertida com a mudança e entretida com a novidade, achar-se num momento naquele abismo imenso da eternidade, onde nada se muda! Desde o primeiro instante em que entra nele terá tudo quanto há de ter para sempre: achar-se-á imutavelmente no mesmo estado, no mesmo sítio, na mesma disposição, com as mesmas impressões que há de experimentar por toda a eternidade. Naquele mesmo momento padece já toda a eternidade infeliz: eternidade de amargura, eternidade de arrependimento, eternidade de desesperação, eternidade de tormentos. Toda a eternidade, digamo-lo assim, se junta, e a padece em cada instante.

Ó Deus, e que destino, sofrer cada momento todos os tormentos imagináveis, todos os tormentos que pode sofrer uma alma; e sofrê-los todos juntos, e sofrê-los para sempre, e sempre sem esperança de vê-los acabar jamais, sem o menor alívio, sem o mais leve traço de paciência! Ó justiça de meu Deus, e que terrível és! Mas, ó loucura, ó malícia do homem, a que extremo não chegas, quando sabes que há uma eternidade infeliz, e pecas, e vives em pecado, e te expões ao perigo de morrer em pecado!

Segundo ponto

Considera que na contemplação desta eternidade se perde o entendimento; mas a alma do condenado jamais perderá nem um só instante desta eternidade. Se depois de tantos milhões de séculos quantos instantes têm passado desde que o sol gira sobre nossas cabeças se houvessem de acabar as penas dos condenados, nem por isso deixaria de ser inescusável o pecador em haver-se granjeado voluntariamente uma prodigiosa duração de suplícios por uns insulsos deleites que se passaram em poucos momentos; mas enfim sua loucura seria menos intolerável. Quê! Por um só pensamento consentido um milhão de séculos de penas; por um pecado de alguns instantes um inferno de cem mil milhões de anos? Ó Deus, e que rigor! Mas paciência, que esses tormentos não são eternos; ainda que sua duração seja espantosa, ao cabo hão de ter fim. Sendo isto assim, poderia dizer um condenado: Tudo o que padeci, isso menos me resta que padecer: já tenho dois anos, dez anos menos de tormentos. Mas uma eternidade, uma eternidade sem poder jamais dizer: Um quarto de hora menos tenho que sofrer; sem que ao cabo de mil milhões de séculos passados nos tormentos possa dizer: Já se passou uma hora de minhas penas!

Sepultado, afundado, submerso num abismo de fogo que é ao mesmo tempo todos os suplícios; imóvel como uma rocha em meio das chamas, penetrado de fogo como um carvão feito brasa, o infeliz condenado se abrasa, brama, desespera-se, sempre está padecendo e sempre pensando que há de padecer sem fim e sem alívio. Há inferno, e os cristãos pecam! Há inferno eterno, e o pecado tem atrativo!

Ainda que tenha passado um incompreensível número de séculos desde que o miserável condenado está padecendo, nunca poderá dizer: padeci. Seus tormentos sempre são presentes; porque na eternidade não há tempo passado. Sempre arder e estar certo de que há de arder para

sempre: este é seu destino. Ó Deus, e é possível que tão atordoadamente se corra a este horroroso precipício, a esta espantosa eternidade!

Imagina que um homem está condenado a padecer todas as penas do inferno até que haja inundado em suas lágrimas todo o universo e que só há de chorar uma só lágrima de mil em mil anos. Caim só teria derramado até agora cinco ou seis. Bom Deus, que prodigioso número de séculos se passariam antes que chegasse a encher de suas lágrimas este quarto! Pois quê, se houvesse de encher toda esta casa! Pois quê, se se houvesse de esperar até que de suas lágrimas se formassem grandes e caudalosos rios! Pois quê, se houvesse de padecer até derramar todas as precisas para encher todo o imenso espaço que ocupa o mar! Pois quê, se fosse necessário que inundassem toda a terra e que ocupassem todos os intermináveis vazios que há desde a terra até o céu! Faz estremecer este só pensamento: justamente assombrada, sobressaltada a razão, confunde-se, perde-se nesta espantosa extensão de séculos. Contudo, ainda sendo tão assombrosa, tão incompreensível esta duração, não é a eternidade, não é nem a mais mínima parte da eternidade; porque, depois dessa duração de tempo quase infinita, a eternidade fica toda inteira. Há de chegar tempo em que um condenado possa dizer que, se tivesse derramado uma só lágrima de mil em mil anos desde que está no inferno e se Deus a houvesse milagrosamente conservado, já estaria inundado em seu pranto todo o universo; e então ainda lhe restará que padecer toda inteira a mesma eternidade; nem um só momento se terá diminuído de sua eternidade infeliz.

Ah, Senhor! E serei eu porventura um objeto digno de cólera tão terrível? Ai de mim, que demasiadamente o sou; já mereci por minhas culpas todas as vossas vinganças; mas meu doce Salvador Jesus Cristo derramou sobejo sangue para apagar todo o fogo do inferno e para merecer-me vossa misericórdia. Concedei-me, Senhor, esta misericórdia que vós mesmo me haveis merecido, para que a cante no céu por toda a eternidade.

Jaculatórias

> *Quis poterit habitare de vobis cum igne devorante? quis habitabit ex vobis cum ardoribus sempiternis?* Is 33.

Quem de vós poderá habitar em meio daquele fogo abrasador? Quem poderá habitar naquelas chamas eternas?

> *Domine, ne in furore tuo arguas me; neque in ira tua corripias me.* Sl 6.

Ó Senhor, não me castigueis em meio de vosso furor; não me julgueis quando estiverdes irado contra mim!

Propósitos

1. Tudo o que passa, tudo o que tem fim é pouca coisa e, falando em rigor, é nada. Que é o que temos agora dos gostos ou dos desgostos que experimentamos na meninice? Daqui a cem anos, que impressão nos fará, nem molesta nem gostosa, o que agora nos está passando? Enquanto vivemos, sucedem-se uns aos outros os bens e os males; mas demos que durem estes por toda a vida: que nos restará deles um instante depois da morte? E a respeito da eternidade, que é toda a nossa vida? Falando com propriedade, nenhum mal é horrível, nenhum nos deve fazer desesperar, senão o que nunca passa, o que jamais se há de acabar. Mas, se este mal é extremo, se é o maior de todos, que coisa mais terrível que sua eterna duração? Pois esta é a herança de todos os que morrem em pecado mortal; esta é a sorte de todos os que se condenam: dores sem medida, tormentos sem número, duração sem fim. Ó Deus, que desgraça mais horrível nem mais digna de temer-se! E é esta a desgraça que se teme mais? Oh, que prudentes foram os santos em não perder nunca de vista esta espantosa eternidade! Imita seu exemplo e suas piedosas indústrias. Se uma coisa te deleita e outra te mortifica, considera que uma e outra passa e que depois destes curtos dias se segue uma eternidade. Ao acabar tuas orações da manhã e da noite, pensa sempre que há uma eternidade infeliz e que grande parte dos que hoje vivem, e talvez a maior, hão de ter por seu destino esta infeliz eternidade. Quando vires morrer algum amigo, algum parente teu, faze logo reflexão sobre qual será sua desdita se lhe coube em sorte uma eternidade infeliz. Nunca tomes diversão, nunca empreendas negócio de consequência sem lançar uma olhada para esta espantosa eternidade. Não temas temperar tuas diversões com este pensamento: na verdade não te darão tanto gosto, mas também te pouparás muitos remorsos. Um dos meios para não cair no inferno nem na infeliz eternidade é pensar nela com frequência. Ó meu Deus, que ditosos, que bons cristãos seríamos se estivéssemos pensando sempre nela!

2. Nunca te esqueças de que a eternidade infeliz é fruto de uns deleites que duraram poucos momentos. Se o tentador te importuna, se a paixão se irrita, se o deleite é doce, se a tentação é violenta, chama logo ao pensamento a memória e a imagem da espantosa eternidade. Apodera-se de teu coração a cobiça ou o amor das riquezas? Pois compara essa opulência, esses bens que gozas ou esperas gozar, com a eterna falta de tudo, que é a herança dos condenados. Inquieta-se a carne com o atrativo dos deleites? Pois pergunta-te a ti mesmo com o Profeta se esses deleites tão curtos e tão superficiais poderão apagar o ardor das chamas sempiternas. Quando se te excitar a cólera, quando teus inimigos te ofenderem, quando as desgraças e os trabalhos te perseguirem, considera que coisa é arder, sofrer, bramar, ser infeliz e estar em desgraça de Deus por toda a eternidade. O pensamento e a memória da eternidade azedam, por assim dizer, o sainete dos gostos; mas também suavizam a amargura dos trabalhos e fazem toleráveis e meritórias as adversidades. Não te contentes com aproveitar-te tu só desta piedosa indústria; procura ensiná-la também a teus filhos e a teus criados. Fala-lhes com frequência da eternidade; de quando em quando faze-lhes uma pintura dela viva e penetrante. Estas reflexões são sempre muito proveitosas: de que me serve ocupar o trono, viver rodeado de esplendor e de abundância por

alguns poucos anos, se hei de ser depois infeliz por toda uma eternidade?

[^1]: Nota do tradutor espanhol (assinada «J. B.»), que no original está misturada ao texto: «Sem embargo do que diga o autor sobre esses escritores modernos, não podemos deixar de conceder-lhes grande autoridade; e quanto ao fato de que se trata, sua crítica nos parece sã, fundando-se no exame dos monumentos mais antigos e apoiando seu juízo nada menos que nos escritos de um Santo Agostinho. Este santo doutor, no livro que escreveu contra Petiliano, bispo donatista, justifica São Marcelino do crime de apostasia e mostra que tudo o que se atribuía a este santo papa, de haver sacrificado aos ídolos e entregado as Escrituras, era pura invenção e calúnia dos donatistas. Veja-se o P. Pagi, o P. Alexandre, Tillemont e o cardeal Orsi.» [^2]: O original remete à «pág. 526» da edição consultada; o evangelho é Jo 15,1-11, o mesmo do dia 22.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:47:30 by Admin
Updated 20 November 2026 20:47:31 by Admin